



CORPO, GÊNERO E IDENTIDADE NA ESCOLA: REVISÃO INTEGRATIVA E CRÍTICA SOBRE A PRODUÇÃO CIENTÍFICA ENTRE 2017 E 2021

Elaine Rodrigues Santos Santiago¹, Violeta Maria de Siqueira Holanda²

¹Especialista em Gênero, Diversidade e Direitos Humanos, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, Bahia. E-mail: lalai_santiago@hotmail.com; ²Doutora em Ciências Sociais, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus da Liberdade, Ceará. E-mail: violeta@unilab.edu.br

Resumo: Este estudo objetiva identificar o que tem sido produzido na literatura científica brasileira sobre a relação entre corpo e a construção da identidade dos estudantes após a publicação da Base Nacional Curricular Comum, em 2017. Para tanto, foi realizada uma revisão integrativa da literatura sobre corpo e identidade no espaço escolar. A busca foi realizada nas plataformas ERIC - Educational Resources Information Centre e Periódicos CAPES, utilizando os descritores “Corpo”, “Educação”, “Gênero” e “Identidade”. Os resultados mapeiam, brevemente, o campo de investigação sobre corpo e identidade no espaço escolar e evidenciam a necessidade de superação de barreiras à diversidade do currículo.

Palavras-chave: Corpo, Educação, Gênero, Identidade.

Introdução

Este estudo objetiva identificar o que tem sido produzido na literatura científica brasileira sobre a relação entre corpo e a construção da identidade de estudantes após a publicação da Base Nacional Curricular Comum, em 2017. Para tanto, foi realizada uma revisão integrativa da literatura sobre corpo e identidade no espaço escolar.

O artigo dá visibilidade as últimas produções científicas em Educação que se debruçaram sobre os conceitos de “Corpo”, “Educação”, “Gênero” e “Identidade”, respondendo à questão “Como a relação entre corpo, sexualidade, diversidade e educação podem interferir na construção da identidade dos estudantes?”

Considerar um estudo que identifique e analise as produções científicas sobre os descritores citados pode contribuir para desmitificar alguns discursos conservadores que circulam do espaço escolar, ajudando, assim, a compreensão da educação para a sexualidade que considera as conexões com as

complexas vivências e significados construídos socialmente, e a construir uma educação mais feminista e antirracista.

Dessa forma, analisar as relações de gênero implica em analisar os demais atravessamentos que o corpo sofre, e, também, (gênero, raça e etnia, classe) “que vão gestando a subordinação”¹ de alguns corpos e essa intersecção pode ser considerada como um “sistema de opressão interligado”^{2,3}.

Material e Método

Realizamos uma revisão integrativa de literatura sobre as produções científicas sobre o corpo e identidade no espaço escolar e, a partir de Gil⁴ e Gonçalves⁵, seguimos seis etapas:

- 1) **Formulação do problema** - A pergunta que conduziu nosso olhar na escolha e na leitura atenta dos artigos foi: Como a relação entre corpo, sexualidade, diversidade e educação podem interferir na construção da identidade dos estudantes?
- 2) **Coleta de dados** - Para o levantamento dos artigos na literatura, realizamos uma busca nas seguintes



bases de dados de acesso gratuito: ERIC - Educational Resources Information Centre e o Periódico CAPES.

Para realizar a busca dos artigos, utilizamos os seguintes descritores e suas combinações nas Línguas Portuguesa e Inglesa: “Corpo”, “Educação”, “Gênero” e “Identidade”, definindo-se a procura desses termos no título, no resumo ou nas palavras-chave.

Os critérios de inclusão definidos para a seleção dos artigos foram: artigos publicados em português e inglês; artigos que retratam a temática referente à revisão integrativa e artigos publicados e indexados nos referidos bancos de dados, entre o período de 2017 a 2021.

Os critérios para exclusão foram artigos duplicados, publicações anteriores a 2017, textos escritos em idiomas além do português ou inglês, artigos fora da área de educação ou que não se atentem aos temas propostos.

3) Categorização dos dados - O corpus foi categorizado de acordo com alguns elementos, sendo eles: base de dado, título, autor(es) e ano.

4) Avaliação dos estudos incluídos na revisão integrativa - Essa etapa avaliou o que mais se destacou nos artigos e os categorizou de acordo com os temas macros que emergiram dessa análise.

5) Interpretação dos resultados - Esta etapa, buscamos discutir os principais resultados obtidos, identificar lacunas para futuros trabalhos e tecer propostas de recomendação de melhoria à formação docente e a educação em geral.

6) Síntese da revisão - Nessa última fase, buscamos incluir informações que permitam à comunidade acadêmica avaliar a pertinência do

método e procedimentos empregados na construção da revisão integrativa proposta, os conceitos explorados sobre os descritores, todo o detalhamento das etapas percorridas e os principais resultados.

Resultados

Na busca realizada por meio dos descritores “Corpo”, “Educação”, “Gênero” e “Identidade”, com o recorte temporal entre 2017 e 2021, foram encontrados 87 estudos na base de dados Periódicos CAPES e 1 resultado na base de dados ERIC.

Após aplicar os critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados quinze artigos, dos quais emergiram quatro temas de análise macro: a) contribuições históricas e legais; b) contribuições e críticas acerca do currículo; c) a luta por uma educação emancipatória; d) contribuições sobre a necessidade de formação continuada dos professores.

Os resultados mapeiam brevemente o campo de investigação sobre corpo e identidade no espaço escolar e evidenciam a necessidade de superação de barreiras à diversidade do currículo, além de apontar a insegurança do corpo docente para abordar as categorias e pouco avanço após a publicação da BNCC.

Discussão

A Teoria Queer e a Teoria Pós-Colonial foram citadas^{6,7}, enquanto engrenagens para o questionamento da estabilidade e fixidez das identidades e das práticas heteronormativas, dicotômicas e excludentes.



O Movimento Feminista introduziu o conceito de gênero e implementações de agendas voltadas ao combate das violências, discriminações e desigualdades de gênero⁸. Além disso, ele é citado enquanto movimento “mais aberto às diversidades de gênero e sexualidade” que deixou marcas como a Lei Maria da Penha, Lei do Feminicídio e o termo “interseccionalidade”, conceito que ressalta a necessidade de se considerar as categorias enquanto conectadas nas análises das relações sociais^{7,9}.

Em relação ao caráter conservador que interfere nos processos de ensino e aprendizagem, alguns autores reportam a dificuldade no ensino de alguns temas como sexualidade, gênero e racismo e indicam que a “ideologia de gênero” é um ponto impeditivo à liberdade do corpo docente em escolher os conteúdos, na adoção de livros escolares e na vigilância das performances no espaço escolar^{10,11,12}.

É bastante frequente a dicotomia e a polarização sobre a categoria gênero. Um ponto importante é a afirmação de que a sociedade concebe o homem como polo oposto à mulher e mantém uma lógica rígida de dominação-subordinação. Essa polarização precisa ser superada, pois cria linhas limítrofes que impedem a problematização das posições que cada um ocupa, individualmente, bem como a posição entre eles¹³.

A escola é local ideal para discutir diversidade, mas, para que o corpo docente possa despertar habilidades, suscitar debates e planejar práticas pedagógicas inclusivas ele precisa de uma boa formação, uma vez que ele “produz e reproduz muitas situações de discriminação e preconceito”¹⁵.

Considerações Finais

A análise dos artigos encontrados nos possibilitou descrever entraves, silenciamentos, ideologias, interdiscursos e a delinear o cenário atual das produções científicas que responderam à pergunta “Como a relação entre corpo, gênero, diversidade e educação podem interferir na construção da identidade dos alunos?”.

Os artigos, de maneira geral, apresentam a tensão em discutir a categoria gênero em disciplinas, em especial, Educação Física e Ensino religioso. Somente um artigo traz a perspectiva do racismo para as discussões da representatividade dos corpos negros ao afirmar que as subjetividades dos corpos negros são controladas por meio da objetivação e esse processo, por mais que transite no espaço escolar, o “embate extrapola esse espaço”¹⁶.

De imediato, a invisibilidade da BNCC nas referências dos artigos selecionados nos chamou bastante atenção. A hipótese levantada é a de neutralidade da BNCC diante das categorias estudadas, o que dá pouco embasamento teórico e legal para tecer um cenário de luta conta discursos conservadores.

A timidez de dispositivos legais que invistam na inclusão dessas categorias evidencia o tensionamento entre a interdição e emancipação das identidades no ambiente escolar, mostrando, assim, que os processos de construção da identidade dos sujeitos foram orquestrados pela heteronormatividade.

Esse hiato é resultado de manipulações, via dispositivos legais, argumentos falaciosos e discursos dogmáticos ancorados na falsa premissa da ideologia



de gênero. Sendo a escola um território de disputa discursiva e, portanto, de poder, abordar intersecções entre corpo, gênero e diversidade e identidade através de uma ótica singular é fragmentar a formação inclusiva baseada em Direitos Humanos.

Fortalece-se, a partir de então, a invisibilidade da população LGBTQIA+, que já sofre com a exclusão histórica e altos índices de violência; encarceram-se projetos antirracista e antissexista, além de dar visibilidade a uma ética heteronormativa que modela e ordena os corpos das pessoas.

Defende-se, aqui, uma educação para além do binarismo, antirracista, que caminhe junta com as agendas de políticas públicas, seja emancipatória e aberta à diversidade.

Referências

1. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília. 2018.
2. Saffioti HIB. Ontogênese e filogênese do gênero: ordem patriarcal de gênero e a violência masculina contra mulheres. Série Estudos e Ensaio/Ciências Sociais. FLACSO - Brasil. 2009; 1-44.
3. Oliveira JCA. Interseccionalidade, de Carla Akotirene. Cadernos Gen Div. 2020; 6(1):303-9.
4. Gil AC. Como elaborar projetos de pesquisa. 5 ed. São Paulo: Atlas. 2010.
5. Gonçalves JR. Como fazer um projeto de pesquisa de um artigo de revisão de literatura. Rev JRG. 2019; 2(5):01-28.
6. Molina AMR, Santos WB. Educação Sexual e currículo de ciências/biologia: desafios à prática docente. Rev Ibe Est Ed. 2018; 13(4):1149-63.
7. Oliveira AM, Miranda MHG, Silva MAMP. Questões de gênero, sexualidade e laicidade no ensino público tendo como eixo de debate a disciplina de ensino religioso em escolas de Recife. ETD - Educ Temat Digit. 2018; 20(4):864-86.
8. Casteleira RP, Maio ER. Gênero, volte para o armário! Discurso religioso, gênero e modelagem de comportamento. Rev Ibero-Americana de Estudos em Educação. 2017; 243-57.
9. Silva JGF, Roseno CP. Questionando a proposital invisibilidade: reflexões sobre a abordagem das relações de gênero no PIBID - Interdisciplinar da UPE Campus Petrolina. Rev Ibero-Americana de Estudos em Educação. 2018; 13(2):764-84.
10. Furlan C, Carvalho F. Comunismo e gênero no escola sem partido: notas para não sucumbir a uma pedagogia fascista. Rev FAEEBA - Educação e Contemporaneidade. 2020; 29(58).
11. Silva PMG, Barbosa KS. Do eclipse ao raiar do para si LGBT na política educacional brasileira. Rev Katálysis. 2018; 21(3):564-73.
12. Auad D, Corsino L. Feminismos, interseccionalidades e consubstancialidades na Educação Física Escolar. Rev Estudos Feministas. 2018; 26(1).
13. Do Espirito Santo ER. Homossexualidade: psicanálise, religião e educação. Rev Internacional Interdisciplinar INTERthesis. 2017; 14(3):88.
14. Scott JW, Haddad TL, Maluf RTM. A invisibilidade da experiência. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História. 1998; 16. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/11183>>.
15. Guerch CA. Formação docente para a diversidade: um saber plural. HOLOS. 2019; 6:1-17.
16. Severino FCG. Disputas por vontades de verdade sobre os corpos na escola: o dispositivo fenotípico da homofobia e do racismo. Rev Eletrônica Educação. 2018; 12(3):867-83.